Marcela Ospital
Cìrculo Psicoanalìtico Freudiano

UMA ÉTICA DA INCERTEZA

Amarrar-se a algo: um pomar, uma floresta, uma planta, uma palavra

Amarre-se a algo que tenha raízes para não se perder.

Alguns, quando suas vidas estão desarmadas, retornam à casa de seus pais. Outros não têm para onde voltar.

Voltei para o campo (...)

Tempo sem narrativas, sem histórias. O tempo da planície

Federico Falco. As planícies

Cito este autor argentino, que assim coroa a narrativa de como ele gerenciou um duelo: Ele alugou uma casa em um lugar semi-despovoado da Planície dos Pampas. Lá ele montou um pomar e manteve um diário de seus avatares: fracassos, progressos, incertezas, ensinamentos.

Uma vez tive que acompanhar um viajante em sua primeira visita aos pampas argentinas. Lembro-me de sua expressão atordoada pela imensidão silenciosa e quase despovoada... O horizonte contínuo... como um mar... É assim que nossos avós imigrantes devem ter se sentido. Pergunto-me se esse sentimento de orfandade oceânica tinha a ver com a prodigalidade com que nosso país abraçou a psicanálise. ¿Será que esse desenraizamento forçado e essa imensidão do deserto fizeram a diferença?

Aqueles de nós que se dedicam a esse trabalho de análise conhecem essa instância tão difícil quanto inevitável: A de acompanhar um sujeito em seu confronto com a derrumbar daquelas certezas que sustentaram sua vida. Há aqueles que enfrentam a destruição do nada do Outro na origem de sua existência ou muito perto de caminhar. Outros, emmvez disso, são acariciados com seu desejo até que uma certa urgência da vida os confronte com ele. Haverá, portanto, diversas clínicas desse encontro com o real. Clínicas que nos

desafiam a manobrar a transferência entre o lugar onde o sujeito se reconhece como amigável e aquele outro onde aparece como puro desperdício.

Há a dor avassaladora, aquela dor irredutível de quem se sente jogado em uma existência na qual o conhecimento não é suficiente e que torna possível uma questão. Aquela pergunta que pode nos levar a renunciar a ser apoio ao Outro.

E quanto à natureza dessa dor? Pode-se dizer que se trata da irremediabilidade de saber que nunca seremos o objeto certo que bloqueia essa falta primordial, mesmo com o sacrifício do corpo. Nunca seremos o que se esperava de nós na origem. Nós nunca vamos estar à altura... Entre outras coisas, porque essa esperança nada mais era do que o resultado de uma farsa, um efeito das mentiras amigáveis do Outro. E se por um momento pudéssemos nos colocar naquele lugar, não seria sem renunciar ao que não estamos dispostos a renunciar... Isso, afinal, para isso tinha sua razão de ser o sintoma.

A condição primitiva do filhote humano liga-o radicalmente àquele que se encarregou de sua sobrevivência... Depois, com o ato psíquico que funda o narcisismo, o sujeito corta um corpo; um primeiro Um que os separa do mundo e, ao sustentar esse Outro, oferece uma imagem que traz confiança a essa primeira crença.

Mas essa condição do significante de não ser plenamente um, de não significar a si mesmo e de se referir ao outro e ao outro sempre, rompe essa crença, dando ao sujeito a possibilidade de não ser tudo para o Outro. O objeto, então, que não é nem um nem outro, é oferecido para esse buraco-lugar da existência; lugar para ser questionado repetidas vezes em uma análise.

Na construção da transferência, o sujeito deposita sua confiança, faz uma aposta que consiste em supor um conhecimento a quem o escuta. O sujeito do inconsciente é o efeito da pontuação do analista que marca, sublinha, escaneia e reorganiza. É então que o ato analítico pode questionar o envolvimento do sujeito em relação ao lugar do objeto para o

qual ele se sente jogado. Aqui, o desejo do analista é o que impulsiona o trabalho. ¿O que acontece quando no final da viagem o analista cai?

É necessário *suportar a queda das garantias imaginárias da razão e do sentido.* (...) *Perder os invólucros agradáveis",* disse-nos Blas Pascal, eliminando assim o atavismo narcisista..

Jacques Lacan aponta Pascal como um marco no pensamento ocidental porque ele se distancia do cogito cartesiano, abrindo uma nova direção de espírito que aponta para a existência. Versus método cartesiano, ele afirma a intuição. Lacan nos diz que Pascal manifesta a estrutura do sujeito porque desacredita na razão para confrontar o real; mas, mesmo assim, ele aposta. Descarta o Deus fiador, a razão absoluta de Descartes. Ele não pode certificar a certeza de sua existência, mas, *como eu não sei, aposto, ele* diz. Para apostar um movimento é necessário: Segurar o objeto, mas não para apoiar nosso ser no fantasma, mas para, admitindo-o como perdido, colocá-lo em questão. Para fazer algo com o objeto, é necessário o giro que o tira de debaixo da barra e o coloca no lugar do agente.

É preciso deixar de lado as certezas e colocar a contingência em primeiro lugar, porque temos a falta. Se conseguirmos nos distanciar da repetição boba da fantama, a pessoa se descobre com certos títulos para inventar algo diferente dela e, assim, se reinventar. Porque esses títulos são o efeito do confronto com um vácuo. É uma posição diferente em relação à castração no Outro: de não ter o falo e de que não há ninguém que o tenha, eu faço algo com esse nada.

Uma análise é um percurso do Outro, com grandes letras maiúsculas, para o outro, companheiro de vida; aquele processo que vai desde a afirmação do poder do Pai, que deixa o sujeito impotente, até o confronto com o impossível. Mas isso não pode ser um confronto estéril. Deve abrir-nos o caminho para algo possível. Sem certezas, sem garantias, mas com um compromisso ético que aposta no desejo, aquilo que o sujeito tem que cortar do desejo do Outro de se apropriar dele. E é neste ato que aqueles que estão ao nosso lado na vida, na família, na comunidade podem adquirir uma nova relevância. Uma

vez que não há relação sexual, a possibilidade de um encontro com os semelhantes que seja de outro tipo, distinto da completude e das massas, está disponível. Apostamos, por isso, em uma psicanálise que tem efeitos sobre o laço social.

Não quero me deter em diagnósticos devastadores. É muito evidente que o pós-pandemia acentuou o mais opressivo e egoísta do capitalismo neoliberal: o hiper impulso ao consumo com sua falsa ilusão de onipotência, o regozijo na ignorância sustentado na dormência da mídia, o desprezo pelo sofrimento humano abrigado em um discurso cada vez mais cínico. Diante de tudo isso, a psicanálise deve apostar em seu papel herético: desafiar os sujeitos a desacreditar no que a civilização lhes impõe para ousar escolher.

Haeresis era o nome que a Igreja atribuía na Idade Média a qualquer movimento que ousasse postular algo diferente do que foi instituído pelo cânon doutrinário. Significa "escolher" e, naquele momento, escolher algo diferente poderia custar a vida de povos inteiros. Hoje não derrama se necessariamente sangue diante da heresia, mas seríamos ingênuos se não reconhecêssemos outras formas de sanção pela transgressão da norma do sistema que é imperativo de gozo.

O trabalho do analista será, então, acompanhar o sujeito nesse confronto, com suas determinações, com a particularidade de sua posição diante das demandas do Outro, decompondo-o nos labirintos de sentido. Acompanhe-o, no final, no confronto com o incerto como único marco para um ato próprio, mas sempre distanciando-se do lugar cartesiano do fiador.

Uma análise é uma opção contingente sem garantias. Mario Benedetti, o poeta uruguaio, falou em *defender a alegria das certezas e a dor de ser absurdamente alegre*. Se a análise é um viés para viver melhor, trata-se de defender uma vida melhor dos perigos da estupidez. Espero que estejamos nesse caminho.